

## Psicanálise: o nascimento da clínica

### Comentários

Isabella M. F. Castro

Psicanalista da Fazenda Freudiana de Goiânia

A transmissão da psicanálise só se dá via transferência – em sua dupla mão – tema do primeiro livro de Eduardo Verano, que, agora, com *Psicanálise: o nascimento da clínica*, nos oferece seu testemunho com ímpar liberdade. Testemunhar, com a mesma raiz etimológica de testículos (teste, thésis), nos remete ao fato de que só se testemunha a partir da experiência marcada na própria carne. Diferentemente de uma narrativa contada à distância, a experiência de um analista deve ser constantemente posta à prova.

O autor nos conta que “Este é um livro falado”. E falar também é entregar, falar é dar o que não se tem, portanto, falar é de alguma forma amar. Amar a psicanálise é uma rara contaminação porque só se sustenta pela própria transmissão, em intensão (na clínica) e em extensão (a partir dela). Primeiro, transmissão in loco, no trabalho cotidiano da clínica, no um a um do setting. E em um tempo só-depois, transmissão por extensão, ou seja, no meio significativo por onde circula o contaminado pela boa moléstia.

É no mínimo bonito, feito brincadeira de criança, escutar o testemunho de um psicanalista de tão larga trajetória, quando revela que está recomeçando seu exercício de anos de trabalho. A clínica, assim como a vida e a arte estão juntas nisso: fazer o novo do mesmo, do antigo. O que me lembra a frase atribuída a Picasso, que, ao se casar pela última vez com quase 80 anos, disse: “Leva-se muito tempo para tornar-se jovem ...”

Lúdico e leve, o texto faz renascer a psicanálise com chamadas de peso, tais como: “...ficar na técnica atola a análise”; “ a análise faz tomar pra si o próprio corpo”; “...estoque de palavras”; “ o pulo do gato não se ensina, mas se aprende” e por aí vai... Se a clínica caminha e vive é porque ela é feita de palavras, e isso é coisa de gente; e gente, a gente sabe, não tropeça apenas na fase em que engatinha. Até por isso, o tropeço, o tempo de fazer do erro um acerto, não tem idade. Uma psicanálise não tem um tempo cronológico para começar. Nascimento e clínica de psicanálise, dois temas intrigantes, são magistralmente reunidos neste livro.

--

### INTRODUÇÃO: O DIFÍCIL NÃO TEM QUE SER COMPLICADO

Eu quero começar esses nossos encontros num tom de introdução, agradecendo a vocês por terem vindo. Faço-o em meu nome, em nome da Fazenda, e, se ele me permite, em nome de Freud, que está fazendo aniversário hoje, 6 de maio; são 149 anos.

Parece coincidência isso, mas certamente não é. Esse minicurso, que eu chamei de “*Psicanálise: o nascimento da clínica*”, é um projeto pessoal meu e também um projeto da Fazenda. Então, eu queria dividir um pouco, separar um pouco esses lugares (a Fazenda e eu) para talvez me orientar e orientar a escuta de vocês. Eu disse orientar porque temos que ter um mínimo de orientação para fazer isso, já que falar de psicanálise é sempre muito difícil.

Como atividade da Fazenda, esse minicurso se insere dentro de um percurso nosso que já vem, desde alguns anos, se desenvolvendo com uma produção relativamente considerável. Produção escrita, inclusive, que nós estamos começando a publicar de uns dois ou três anos para cá. Isso é um trabalho da Fazenda e pretende a transmissão da psicanálise naquilo que se chama de formação de analistas. Nós sabemos que essa expressão é meio capenga, mas vamos tratar disso mais adiante.

Como projeto pessoal meu (é isso que eu quero deixar bem-dito desde o início, se eu conseguir), o que pretendo é falar da psicanálise num tom de depoimento e, portanto, num tom que, às vezes, pode ser até intimista, na tentativa de tornar essa fala sobre psicanálise alguma coisa mais fácil. Nós sabemos que a psicanálise é muito difícil, mas ela não tem que ser complicada. Existe uma grande diferença entre ser difícil e ser complicada. E eu aqui na Fazenda, nesses anos todos, tenho tentado isso: fazer a psicanálise falar português, sem muitos insights, talvez com mais “sacações” (usando esse termo que, entre nós, foi introduzido no campo analítico por MD Magno), e, mais do que isso, fazer a psicanálise falar goiano, falar caipira. Isso é possível, sim, e o meu projeto pessoal na Fazenda e também no meu trabalho, na minha clínica, caminha nesse rumo. Direciono-o, não no sentido de um regionalismo, mas no sentido da universalização de um discurso, que está na língua de cada um de nós. Ele não tem que ser falado em inglês, nem em francês. Pode ser, sim, muito bem falado em português (e por que não em goianês?), ainda que sem xenofobia, nos valendo de outras línguas.

Então, é essa a idéia: falar de uma coisa difícil, mas de um jeito simples. Isso é muito difícil. É muito difícil falar do difícil com simplicidade. Parece que é mais fácil complicar. E me dou conta de que uma das resistências das pessoas e da própria cultura à psicanálise é por conta desse discurso, que é tido como muito hermético, muito complicado, muito difícil. É o que se chama, por exemplo, de “lacanês”, que é tido como uma coisa impenetrável, enquanto o próprio Lacan caminha em sentido diferente, em sentido contrário disso. Ele dizia que é difícil, sim, mas que não tem que complicar. Se bem que ele complicou muito, muitas vezes. Mas Lacan podia; um homem daquela estatura talvez tivesse o direito de fazer isso. Nós, não. Nós temos que tentar facilitar. Porque a clínica funciona de uma forma simples; a clínica não é aplicação de teoria, e o sujeito que vem fazer análise fala em sua própria língua, não vem falando de recalques ou de resistências. Ele vem falando na língua dele. E é com isso – que é o material, se a gente pode dizer assim – que trabalha o psicanalista.

Este minicurso, que eu chamei de “O nascimento da clínica”, é um projeto muito ambicioso. Ambicioso porque, ao mesmo tempo em que pretendo falar dos primeiros passos na clínica, do começo e da instalação mesmo de uma clínica, nós não podemos perder de vista a constatação vinda da própria clínica, assim como da recomendação freudiana de que estamos sempre nos primeiros passos; toda clínica de psicanálise que se preza, e eu posso dizer isso autorizado por Freud, está nos primeiros passos. Ou seja, em cada avanço que nós ousamos, que nós nos autorizamos a dar, isso nos coloca sempre diante de alguma coisa nova, diante de um passo novo e sempre perigoso de ser dado. A clínica é assim. A clínica vive e caminha assim.

Eu chamo de ambicioso o projeto no sentido de que, ao mesmo tempo em que pretendo nesse tom intimista falar do começo, da constituição de uma clínica, nós não temos como não

pretender algum avanço; ao mesmo em tempo que pretendemos avançar, temos que estar o tempo todo de olho nessa recomendação freudiana de que a clínica está sempre começando. Vocês sabem que a Fazenda é freudiana. Então, sem excluir outros autores importantes, o nosso percurso em psicanálise aqui na Fazenda pretende manter uma fidelidade a Freud. E a Lacan, certamente, o maior leitor de Freud.

Eu falo, como qualquer um de nós fala, para tentar dar conta da própria experiência. Quando eu me meto a falar da psicanálise, pretendo com isso tentar dar conta da minha experiência como psicanalista. Isso é muito caro porque nos coloca numa posição de muita exposição; e eu disse muito caro porque penso que essa é a única via possível de transmissão da psicanálise. Mas em algum momento eu vou passar por essa questão do falar da psicanálise: a diferença é que podemos falar da psicanálise na instituição que se diz de psicanálise, ou falar da psicanálise em outros lugares. Por exemplo, na academia. Na base, isso é diferente por questões várias, principalmente questões transferenciais e, mais do que isso, questões que dizem respeito ao inconsciente, que são questões que vamos desenvolver mais adiante.

A propósito, então, do nascimento da clínica, que é o nosso tema, eu gosto de me propor uma questão, assim como faz Lacan no começo do Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Nesse seminário, Lacan se pergunta: “Em que eu estou autorizado?”, desenvolvendo sua fala a partir desse questionamento. Essa pergunta é essencial para nós também nos fazermos aqui. Não do ponto de vista de um didatismo, ou de um formalismo acadêmico, ou de uma disciplina obsessiva. Não é isso. É porque isso tem tudo a ver com a clínica de psicanálise, que é de onde nós tiramos tudo. Em que eu estou autorizado? Isso vai nos remeter para a questão do lugar do analista para se saber quem é que está autorizado a quê numa análise. Essas questões compõem, por exemplo, para ajudar a entender: onde é que está a transferência? Ou: quem trabalha na análise? Tudo isso nós vamos desenvolver pouco mais à frente.

Assim, o lugar de que estou falando é o lugar de quem traz coisas para dizer a partir de uma prática psicanalítica, isto é, a partir da tentativa de dar conta da minha experiência como psicanalista. É isso que me faz falar da psicanálise. E isso é uma coisa muito preciosa também, porque qualquer um de nós, quando fala de qualquer coisa, está tentando dar conta da própria experiência de sujeito. O sujeito, quando abre a boca, está pedindo alguma coisa, já dizia Lacan. Lacan diz em algum lugar: “Abriu a boca, está pedindo alguma coisa”. Então, ao falar, o sujeito tenta dar conta da própria experiência. Eu aqui tento dar conta da minha experiência como psicanalista. Não há outra coisa que me autorize. Eu estou reafirmando que estou autorizado pela minha clínica. Portanto, isso está sob suspeita até para sabermos aqui se, por exemplo, a minha clínica se sustenta. Isso tem que ser colocado à prova.

E essa questão do lugar de que eu falava, que é fundamental na instalação e na sustentação de uma clínica, isso vai nos remeter a uma experiência de escuta que me autoriza a publicar esse nosso trabalho. Esse lugar me autoriza. De certo modo, isso equivale àquilo que Lacan diz, em algum momento, nos Escritos: “O analista se autoriza por si mesmo e por mais alguns”. Quer dizer, eu estou aqui autorizado por mim, desde que vocês me autorizem. Isso não é aleatório. Também na clínica, não se trata de o sujeito se estabelecer porque agora sabe teoria ou

porque agora já tem uma sala montada. Não é isso. Ele se autoriza, desde que alguns outros autorizem. Se autoriza por si mesmo e mais alguns, diz Lacan.

Trazendo isso para o nosso contexto, eu estou autorizado por mim, sim, desde que vocês me autorizem. Eu estou falando de clínica o tempo todo. A clínica opera, funciona, e é eficaz, como eu pretendo dizer mais adiante. A eficácia da clínica passa pela questão da ocupação de lugares. O tempo todo nós temos que nos perguntar de que lugar estamos falando. Então, se o que eu vou expor aqui sobre a psicanálise puder dar algum testemunho da minha prática, eu vou estar sendo exposto (esse gerúndio é inevitável) e, quem sabe, sus-tentando a minha fidelidade a Freud. Eu estou dizendo que essa é a via de transmissão da psicanálise. Isso não é só uma comunicação, nem é só uma informação; mais do que isso, o que eu pretendo fazer é uma transmissão e isso custa bem mais do que uma comuni-cação ou mesmo uma informação.

Estou dizendo então que, se eu falar de psicanálise, estarei sendo exposto; se isso acontecer – e eu gosto quando isso acontece –, penso que Freud vai nos reconhecer; digo nos reconhecer, porque vocês estão na mesma canoa que eu. A essa altura, ninguém aqui está isento disso.

Então, eu quero falar da psicanálise de uma perspectiva clínica. Freud fez isso muito mais do que Lacan; mas os teóricos todos, inclusive os teóricos nossos, da nossa língua, todos eles insistem em reafirmar o tempo todo que, é a partir da clínica que se fala de psicanálise, até porque a teoria da psicanálise é feita a partir da clínica. Quer dizer, a teoria psicanalítica é uma prática teorizada. Com isso, nós podemos dizer que não existe psicanálise sem clínica. E olha que isso é uma afirmação definitiva e muito perigosa, porque nós sabemos de outros lugares em que se fala muito de psicanálise sem clínica, de teoria psicanalítica sem passar pela clínica. Essa também é uma coisa que tem de ser apontada por nós, e isso tem de ser escutado segundo uma escuta psicanalítica que dê conta do que está rolando por aí, para a psicanálise não ficar misturada com qualquer psi. Ela é outra coisa. Não é uma psicologia, não é uma medicina, nem uma psicoterapia. É outra coisa. Melhor ou pior, cada um que o diga, mas é outra coisa.

Essa indicação de falar da psicanálise de uma perspectiva clínica me parece ser a única maneira de manter viva a psicanálise, com a virulência que o próprio Freud indicou. Me parece que é a única maneira de fazer frente às teorizações acadêmicas que, em que pese trazerem uma sofisticação do vocabulário psicanalítico, podem portar – eu não posso dizer que portam obrigatoriamente –, mas me parece que podem portar um germe esterilizante para uma prática que é virulenta, como indica o próprio Freud. Eu estou falando de transmissão, não de comunicação da teoria psicanalítica. Estou dizendo que isso só se faz segundo uma perspectiva clínica. Mais adiante, nós vamos tratar, por exemplo, das questões da constituição do sintoma, dos conceitos fundamentais, a partir de onde a psicanálise (o campo analítico) pode sustentar essas assertivas e demonstrar a evidência disso a partir da prática, a partir da análise de cada um. Estou insistindo nisso porque, falar de psicanálise segundo uma perspectiva, por exemplo, acadêmica, não clínica, é, no mínimo, muito perigoso. Aqui também é perigoso, mas em outros lugares isso pode produzir grandes teóricos e teorias sobre, por exemplo, o inconsciente, ou sobre a transferência, ou sobre a pulsão, como pode produzir também alguns psicóticos e teses que depois são arquivadas. Quando eu falo em manter viva a psicanálise, refiro-me ao

que se faz e se transmite na análise pessoal de cada um de nós; essa é a via de transmissão da psicanálise que a instituição pretende, e o que um encontro como esse, na verdade, busca. É uma extensão daquilo que é a análise de cada um de nós.

Mas eu dizia que essa teorização academizante da psicanálise pode ser um impeditivo da transmissão, um impeditivo de que se mantenha viva a invenção freudiana. Enfim, a análise é uma experiência a que eu chamo de única, em que o caminho da fala conduz o sujeito ao reconhecimento do caminho da sua fala. Porque falar, todo mundo fala, nós sabemos disso, e qualquer um fala qualquer coisa; a questão é fazer o sujeito falar aquilo que é a sua fala; isso é o que a clínica pretende, o que uma análise pretende.

E o que a clínica pretende é aquilo que, numa análise, lá pelas tantas, nós podemos dizer que, finalmente, o sujeito sabe o que está falando; porque, até então, nós nunca sabemos o que estamos falando, a gente nunca sabe. O sujeito, depois de um tempo de análise, começa a saber o que está falando, começa a se escutar, começa a reconhecer isso que parece tão banal, mas que é tão complicado: reconhecer o outro, que eu gosto de chamar de outridade, a alteridade, e que me parece que leva o sujeito sempre para outra idade, outra idade que não é mais a do calendário. Porque eu penso que o sujeito corre o risco de, ao mesmo tempo, ir ficando mais velho e mais novo. Esse tipo de depoimento não é raro nas análises. O sujeito vai envelhecendo, ficando com os cabelos brancos e diz que está começando a fazer coisas de adolescente, por exemplo. Porque no começo o sujeito reclama: “Isso é coisa de adolescente, eu não posso fazer isso mais”. Dali a pouco, está quarentão adolescente e se reconhecendo nessas idades. É a isso que estou chamando de outridade, outra idade: uma experiência que transcende, que transgride certamente essa noção de tempo puramente cronológico.

Eu acho muito intrigantes tanto o caminho que alguns sujeitos fazem, ao procurar uma análise, quanto o caminho do analista; eles vão para aquele lugar ter um encontro, no mínimo, esquisitíssimo, e que produz efeitos que caminham muitas vezes na contramão da cultura, na contramão da psicoterapia, na contramão da pedagogia. E eles ficam insistindo naquilo lá. O que é isso? Então, existe uma determinação sintomática; penso que há uma confluência sintomática que impõe àqueles dois sujeitos se encontrarem para tentarem uma análise.

Este livro, como resultado deste minicurso, realiza uma discussão em torno das questões que se colocam para esses sujeitos – o analisando e o analista – ao tempo destes primeiros encontros (as entrevistas preliminares, especialmente) com vistas à ambição da aventura analítica.